

O "QUANDO HAVIA PROVÍNCIA" DE BRITO BROCA

RACHEL TEIXEIRA VALENÇA
Fundação Casa de Rui Barbosa

O sugestivo título "Quando havia província" se aplica à primeira parte das *Memórias* de Brito Broca, publicadas postumamente, em 1968, pela livraria José Olympio Editora, com introdução, estabelecimento do texto e notas de Francisco de Assis Barbosa. É nessa introdução, denominada "Um D.Quixote das Letras", que Francisco de Assis Barbosa externa sua preocupação com o trabalho que, na qualidade de amigo e conterrâneo de Brito Broca, lhe coube: tendo recebido os originais em desordem, cumpria dar-lhes feição de livro, ordenação coerente e a seqüência que presumivelmente lhes daria o autor.

Logo de início, assumindo inteira responsabilidade pelo que ali se segue, expõe ele seu escrúpulo numa frase que bem poderia servir de epígrafe a muito trabalho de estabelecimento de texto, principalmente àqueles que, não tendo sido publicados em vida do autor, exigem de seu editor definições e decisões quanto ao que seria a forma mais próxima ao ânimo autoral:

o organizador não deixa de ser um intruso, na sua forçada co-autoria, em obras deste gênero: ninguém possui o dom divinatório de saber o que ainda passaria pelo crivo da reelaboração ou o que estaria destinado, não à letra de forma, mas simplesmente ao cesto dos papéis inúteis.

No caso de "Quando havia província", o editor contou basicamente com três cópias datilografadas, todas elas com emendas do autor, cotejadas, sempre que possível, com os originais manuscritos, já que destes pouca coisa restou. No arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP se encontra um fragmento desse manuscrito, doado por Alexandre Eulálio em setembro de 1975. São páginas de caderno, numeradas de 1 a 19, preenchidas com a caligrafia regular de Brito Broca, com poucas emendas e rasuras. O trecho que ali se encontra, sem título, compreende dois capítulos do livro *Memórias*: "A Pedreira" e "Nhô Doro", o que mostra que tanto a divisão de capítulos como a atribuição de títulos e a ordenação dos episódios, originalmente autônomos, se devem ao editor Francisco de Assis Barbosa. O autor conferira autonomia a essas reminiscências, tornando-as crônicas dotadas de vida própria.

Três outros capítulos do livro *Memórias*, "A avó", "São Paulo é feio... o Rio, sim, é uma beleza!..." e "A pedreira" foram publicados, logo após a morte de Brito Broca, pela *Revista do Livro* (Rio de Janeiro, nºs 21-22, março-junho 61) -- provavelmente a revista circulava com atraso, pois a data da morte de Brito Broca, 20/08/61, é posterior a essa. Já em 1958, o jornal paulista *A Gazeta* publicara em

3/4/1958 sob o título "O Vício Impune" o texto que viria a ser o primeiro capítulo do livro, e que seria reproduzido também no *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, nov. de 1959, precedido da seguinte explicação.

Meu amigo e conterrâneo Homero Senna perguntou-me, certa vez, de onde me viera o gosto da literatura. Não experimentara eu, no ambiente doméstico, oposição à leitura de romances, quando ele, muito mais moço, ainda lutava no lar com um espírito refratário a essas obras profanas, acusadas de nos desviarem do estudo?

Dessa nota introdutória se pode depreender que o "vício impune" a que alude o título é a leitura, em particular a leitura de romances. E é dessa forma, é com esse tema que, por vontade de seu editor Francisco de Assis Barbosa, começam as memórias de Brito Broca. Só a partir do segundo capítulo é que o editor faz o autor contar suas origens, a razão de ser do sobrenome Broca, falar de seus pais para, logo a seguir, descrever a avó que tanto marcara sua infância.

A opção por uma ruptura da ordem cronológica e pela adoção, como primeiro capítulo, de um texto que se prende naturalmente a uma fase posterior da vida do autor, em que ele, já alfabetizado, começava a interessar-se pela leitura de romances, parece extremamente feliz. Pois nenhum tema parece tão adequado para preâmbulo dessas memórias do que o despertar no menino do interior do hábito e da volúpia da leitura. Esta a sua marca, aquilo que justificaria para o leitor o interesse desse nostálgico "Quando havia província". De fato, para Brito Broca, vida e literatura se confundiam. Segundo seu editor, no texto introdutório ao volume, não podia compreender houvesse alguém capaz de diferenciar os dois conceitos: vida e literatura. Daí o seu espanto ao ser advertido por um secretário de jornal: "Não escreva sobre literatura, trate de assuntos gerais".

De fato, um dado deve ter sido fundamental para essa decisão do editor de iniciar as memórias pelo capítulo "O vício impune". Este dado foi a preferência com que o próprio Brito Broca pareceu distinguir este texto, o único do livro publicado por ele -- e duas vezes -- em vida. Se a cronologia obrigaria a situá-lo bem mais adiante, a predileção mostrada pelo autor justifica seu deslocamento para o início do volume, dando-lhe o destaque que, por seu tema, bem merece.

E afora a leitura, de que se compõe este "Quando havia província"? Só a paixão pela leitura marcaria a diferença entre a vida do menino de Guaratinguetá nas primeiras duas décadas do século e a de seus contemporâneos? As reminiscências dos casos contados pela avó, que afirmava "minha vida é um romance" -- que mais poderia então ser a vida? --, da casa onde nasceu, das escolas primitivas em que aprendeu, dos brinquedos cobiçados e dos efetivamente possuídos, dos passeios à casa de amigos e a fazendas próximas, onde, não sem remorso, escapava à vigilância constante da avó, a evocação de personagens que marcaram decisivamente sua infância, como a empregada Eufrásia, alcoólatra, o tio-avô Sebastião Pagode, protagonista de histórias engraçadas, a lembrança de circos, teatros, prestidigitadores, tudo, enfim, que compõe o universo da cidadezinha da infância vai desfilar diante do leitor, lentamente transformado em literatura.

Sua qualidade de narrador de histórias fica mais patente que a de memorialista. São os acontecimentos que lhe despertam a atenção, mesmo que não os protagonize. Por exemplo, a narrativa de uma briga entre o maior aluno da escola, o Orlando, e o mais franzino, o Filhinho, em que este, apesar de inferioridade física, sai vencedor. Pouco ou nenhum lugar para sentimentos, confidências, revela-

ções pessoais. Só muito de passagem é possível descobrir algo pessoal nas entrelinhas da narrativa. É o caso, quando fala de um brinquedo, um cãozinho de mola, longamente cobiçado na vitrine do bazar, ganho por ocasião de uma gripe complicada, e posteriormente desprezado; escapa-lhe o seguinte comentário, motivado pelo sentimento de culpa que o ar triste que parecia ver no cão lhe provocava:

Infelizmente, nem sempre nos conseguimos desembaraçar sem remorso de uma afeição, mesmo quando ela durou apenas alguns dias.

É assim, às migalhas, que o memorialista se deixa entrever. Discretas como seu autor, cheias de um pudor de falar de seu íntimo, são memórias quase objetivas, sem qualquer derramamento. Curiosamente, ao consultar a coleção do *Jornal de Letras* na biblioteca da Casa de Rui Barbosa, tentando localizar a crônica de Brito Broca lá estampada e já mencionada acima, encontrei no nº 124, de dezembro de 1959, uma entrevista do escritor Marques Rebelo em que anuncia o lançamento do primeiro volume -- *O Trapicheiro* -- de suas memórias, denominadas, no conjunto, *O Espelho Partido*. Marques Rebelo fala quase com desabrimento do seu caráter confessional, do qual se orgulhava. Impossível não estabelecer um paralelo entre as duas posturas tão díspares.

Quanto às outras duas partes que compõem o volume de *Memórias*, "Anos de Aprendizagem" e "Na Revolução de 32", trata-se de uma reunião de artigos e crônicas já publicados, de conteúdo autobiográfico. Na segunda parte, já não mais criança, a literatura ocupa plenamente seu espaço. Os primeiros textos publicados em jornal, a emoção de ver o próprio nome em letras de forma, o desprazer e a vergonha de vê-lo deturpado para Brito Breca na primeira colaboração enviada ao *Correio da Manhã*, os primeiros contatos com os admirados e até então distantes personagens da vida literária da época, tudo isso se encontra nessa páginas.

Se, na primeira parte, temos a vida transformada em literatura, em páginas de caderno pautado meticulosamente preenchidas à mão, pode-se dizer que a segunda parte é, em contrapartida, a literatura transformada em vida: o escrever crônicas, o falar de autores e livros, tornado ganha-pão, aí está reunido como matéria de memória pelo editor, que parece incorporar como sua a dificuldade do autor de separar vida e literatura.

A terceira parte, "Na revolução de 32", tenta trazer à tona mais uma perplexidade. Então viver era mais do que contar histórias ou lê-las contadas por outros? Não bastariam a reprodução das histórias bonitas e engraçadas e pitorescas e a assimilação das experiências de terceiros, anotadas e comentadas por ele? Era preciso também viver. Era preciso, às vezes, como o amigo Hermes Lima, pegar em armas. Na "Revolução de 32" ainda foi possível a fuga para Guaratinguetá, o retorno à casa paterna. Com o passar dos anos tornou-se imprescindível viver. Nem que fosse reservando à vida um espaço bem delimitado -- o sábado. Segundo o testemunho do amigo Otto Maria Carpeaux, publicado no *O Estado de São Paulo* de 26 de agosto de 1961 e reproduzido no volume das *Memórias*, "trabalhava durante a semana toda para ter o seu dia". Dia de deixar de lado a literatura e viver. Dia em que tudo é permitido, mas, em contrapartida, tudo é possível. Até mesmo encontrar a morte de repente, num carro em alta velocidade. Dia sistematicamente deixado à margem da literatura, jamais comentado, jamais mencionado, jamais incorporado nem mesmo às memórias. Talvez por achar que sua vida, ao contrário da da avó, Nhá Marica, que tanta influência tivera sobre sua formação, não daria nunca um romance. Não passaria, quando muito, de um livro de crônicas, reunidas postumamente por mão amiga sob o título *Memórias*.